



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

MARIA WALKYRIA DE LIMA ANDRADE

**VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E DE GÊNERO NA ENFERMAGEM: UM ENSAIO
TEÓRICO**

Campina Grande

2022

MARIA WALKYRIA DE LIMA ANDRADE

**VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E DE GÊNERO NA ENFERMAGEM: UM ENSAIO
TEÓRICO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem pelo curso de Enfermagem da Universidade Estadual da Paraíba.

Área de concentração: Gênero e Enfermagem.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Célia Regina Diniz

CAMPINA GRANDE

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A554v Andrade, Maria Walkyria de Lima.
Violência simbólica e de gênero na enfermagem
[manuscrito] : um ensaio teórico / Maria Walkyria de Lima
Andrade. - 2022.
42 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Enfermagem) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e da Saúde, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Célia Regina Diniz ,
Departamento de Enfermagem - CCBS."

1. Violência de gênero . 2. Enfermagem . 3. Violência
simbólica . I. Título

21. ed. CDD 362.83

MARIA WALKYRIA DE LIMA ANDRADE

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E DE GÊNERO NA ENFERMAGEM: UM ENSAIO TEÓRICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem pelo curso de Enfermagem da Universidade Estadual da Paraíba.

Área de concentração: gênero e enfermagem

Aprovada em: 25/03/2022

BANCA EXAMINADORA:

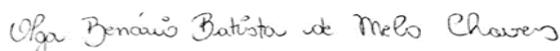
Assinado de forma digital por CELIA REGINA DINIZ:45169837453 Dados: 2022.07.01 11:35:44 -03'00'



Prof.^a Dr.^a Célia Regina Diniz – Orientadora
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB



Prof. Esp. Erijackson de Oliveira Damião UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA –
UEPB



Prof.^a Me. Olga Benário Batista de Melo Chaves UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - UEPB

À minha mãe, dedico não somente este trabalho, como também minha vida e todo o meu esforço até chegar nesta reta final de graduação, que infelizmente partiu para um plano divino e não poderá estar presente para testemunhar a minha vitória nesta reta final de curso. Porém sei que de onde estiver, estará sempre me abençoando e feliz pelas minhas conquistas.

Ao meu companheiro Gabriel, que se manteve do meu lado em todos os momentos da minha trajetória . Ao meu filho, um presente que a vida deu pra poder me sustentar nos momentos mais difíceis. Ao meu pai, meu irmão e todos os meus amigos que me acompanharam e me deram força durante todo o período que precisei estar distante do meu lar, para conseguir dar forma ao meu sonho de me tornar enfermeira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe (*in memoriam*), a mulher mais dedicada e alegre que já conheci na minha vida, meu exemplo de força, amor e determinação, que Deus esteja te guardando no lugar mais especial que ele tenha no céu.

A Gabriel, por ter me apoiado em todas as horas que precisei de um abraço.

Agradeço à vida por ter me dado de presente Yago, como fruto do meu ser e de todoo meu amor.

Ao meu pai Valdir e ao meu irmão Felipe por terem sido a família que me apoiou e por nunca duvidar do meu potencial.

À Universidade Estadual da Paraíba por ter me proporcionado a chance de uma formação acadêmica de qualidade.

À minha orientadora e reitora da UEPB Célia Regina Diniz, pela pessoa maravilhosa que ela é, por ter me oferecido a mão no momento certo em que eu mais estive frágil desgastada e, por ter me dado a oportunidade de me orientar desde o começo do curso.

À professora Claudia Santos Martiniano pelas leituras sugeridas e correções aplicadas.

Ao professor Erijackson e à professora Olga por terem aceitado o convite de participar da banca examinadora.

Aos amigos que fiz dentro do curso de enfermagem e que foram muito importantes na minha trajetória acadêmica.

Agradeço também à Bárbara, Clara, Nahana, Helder, Paloma, Muriel e a todos os meus amigos que me ajudaram e me apoiaram de alguma forma no decorrer de todo esse tempo estando na Paraíba.

Á todos vocês, dedico todo o meu amor, esforço e carinho.

“Epígrafe - Toda ordem estabelecida tende a produzir (em graus muito diferentes, com diferentes meios) a naturalização de sua própria arbitrariedade.” Bourdieu (1994).

RESUMO

O presente trabalho se trata de um ensaio teórico sobre a violência simbólica e de gênero dentro do contexto antigo e atual da Enfermagem. Tem como objetivo geral fazer uma articulação entre a desvalorização da Enfermagem e a sua relação com a violência simbólica e de gênero dentro da profissão, fazendo um resgate histórico da profissão, e relacionando as dificuldades encontradas pelos profissionais de enfermagem no mercado de trabalho e no meio social, com sua raiz simbólica da feminilidade, muito presente dentro da profissão. Trazendo os resultados de maneira teórica de como a enfermagem sofre desde o seu surgimento por se tratar de uma profissão que nasce de uma virtude feminina do cuidar. Foi utilizada como metodologia para a pesquisa o modelo de ensaio teórico, utilizando o método de pesquisa descritiva, fazendo uma revisão teórica de vários documentos que abordaram de forma simpática a temática do gênero dentro da enfermagem, relacionando com a teoria da violência simbólica e da dominação masculina de Pierre Bourdieu. No decorrer do trabalho, foi visto como a violência simbólica e de gênero influencia diretamente na vida dos profissionais da área da Enfermagem, e como uma das principais profissões da área da saúde, que tem a grande parte dos seus profissionais sendo do sexo feminino, passa por dificuldades e acaba ficando a margem de outra profissão naturalmente masculina, apresentando nos resultados, uma série de argumentos antigos e atuais, sobre os traços de desvalorizações dentro da enfermagem pelo contexto do gênero que comprovam o fator analisado.

Palavras chaves: Violência e gênero, Enfermagem, Violência de Simbólica.

ABSTRACT

The present work is a theoretical essay on symbolic and gender violence within the old and current context of Nursing. Its general objective is to make an articulation between the devaluation of Nursing and its relationship with symbolic and gender violence within the profession, making a historical rescue of the profession, and relating the difficulties encountered by nursing professionals in the labor market and in the environment. social, with its symbolic root of femininity, very present within the profession. Bringing the results in a theoretical way of how nursing has suffered since its inception because it is a profession that is born from a feminine virtue of caring., theoretical essay model was used as a methodology for the research, using the descriptive research method, making a theoretical review of several documents that sympathetically addressed the theme of gender within nursing, relating it to the theory of symbolic violence and male domination by Pierre Bourdieu. During the work, it was seen how symbolic and gender violence directly influences the lives of nursing professionals, and how one of the main professions in the health area, which has most of its professionals being female, passes by difficulties and ends up, even today, being on the sidelines of another naturally male profession. Presenting in the results a series of old and current arguments, on the traces of devaluations within nursing by the gender context that prove the analyzed factor.

Keywords: Gender Violence; Nursing; Symbolic Violence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Matéria do Sindesp sobre desvalorização da Enfermagem	27
Figura 2 - Manchete no Brasil de Fato sobre os baixos da enfermagem salários em Pernambuco	28
Figura 3 - Manchete no Correio Braziliense sobre ausência de piso salarial da Enfermagem	29
Figura 4 - Nota de repúdio do Coren-PE sobre processo seletivo com baixo salário	30

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Média salarial dos profissionais de saúde de acordo com a carga horária	25
---	-------	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1	Violência de gênero e Enfermagem	14
2.2	Violência simbólica na Enfermagem	16
2.3	História da Enfermagem e sua relação com o gênero	19
3	METODOLOGIA	24
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido, recentemente, acerca do papel da mulher e das construções de gênero e sexualidade no mundo atual. A discussão de gênero é um dos temas mais falados e estudados em todos os cenários de cunho social, político, educacional, biológico e da saúde. As questões de gênero e violência podem ser vistas em todas as esferas globais e a partir de diversos aspectos que incontáveis vezes provocam a reflexão e a análise sobre o que é natural e o que é naturalizado dentro da sociedade contemporânea.

Dentro deste vasto campo temático que é o estudo de gênero e violências por motivos sexuais, nos deparamos com um pequeno campo temático, pouco comentado, comparado às demais formas de violências, porém de uma importância arrebatadora na sociedade moderna. Bourdieu (2002), fala do androcentrismo da sociedade, em outras palavras, da tendência para assumir o masculino como único modelo de representação coletiva para comportamentos, pensamentos ou experiências. A perspectiva androcêntrica é efetuada como determinante e naturalizada por dominantes e dominados, já que ambos vivem segundo uma mesma interpretação de mundo (MAGALHÃES, 2021).

Este estudo apresenta uma análise e problematização sobre essas raízes sociais dentro do campo da Enfermagem, trazendo a violência simbólica e a dominação masculina, de Pierre Bourdieu, para o campo científico da Enfermagem. Trabalhou-se com a hipótese de que a desvalorização da Enfermagem no mundo social atual, vem de um estigma feminino presente na conjuntura das relações sociais, da qual uma profissão que nasce exclusivamente de mulheres voluntárias e excluídas, carrega consigo uma carga histórica de inferioridade e incapacidade, apenas pelo simbolismo contido dentro de ser uma profissão, ainda hoje, dominada na sua maioria por mulheres.

A narrativa deste estudo visou desenvolver através de uma dialética um ensaio teórico sobre a desvalorização profissional da Enfermagem e apontou o senso crítico para a desvalorização profissional através das consequências históricas atribuídas aos estereótipos de gênero presentes desde o seu surgimento.

O estudo apresenta também os principais pontos onde essa rede de desvalorização e subordinação começou a se estabelecer dentro da história da Enfermagem.

No decorrer do trabalho, será apresentado ainda como a violência simbólica e de gênero está presente diretamente na vida dos profissionais da área da Enfermagem, e como uma das principais profissões da área da saúde, para a manutenção dos serviços de saúde, passa por dificuldades e acaba sendo desvalorizada dentro dos serviços. Esses profissionais são os que, muitas vezes, são cobrados por serviços que não são de sua competência ética e legal, e tendem a assumir as maiores responsabilidades, fazendo da enfermagem uma profissão ainda subserviente à masculinidade. A disciplina, a obediência e a subserviência na enfermagem são consideradas como parte indissociável do exercício (PEREIRA, 2008); sofrendo também, uma desvalorização financeira no mercado, sendo uma das únicas classes de profissionais da área da saúde sem piso salarial e que ainda se submetem a trabalhar mais de 40 horas semanais. Os trabalhadores de enfermagem geralmente possuem vários vínculos de trabalho, que se caracterizam por serem de baixos salários. Costumam assumir dupla jornada de trabalho em turnos diferentes, como forma de compensar os baixos rendimentos (SANTOS et al., 2013; OLIVEIRA et al., 2018). Isso faz com que, para que estes possam se igualar em ganhos aos demais profissionais, estes precisam se dedicarem de forma muito mais rigorosa, ao campo de formação, por serem estereotipados como a profissão que está nos serviços apenas para auxiliar a medicina, formando degraus de privilégios nos serviços de saúde. Tudo isso se encaixa no conceito de violência simbólica e de gênero, no contexto de nascimento da enfermagem como uma profissão feminina, e sendo a classe que mais abriga profissionais mulheres na área da saúde. Esse tipo de violência ocorre, segundo Bourdieu, dentro de um campo de forças e também de lutas que visam transformar esse campo de forças (PEREIRA, 2000). Assim, segundo Bourdieu, a violência simbólica pode ser definida como:

“Violência suave, onde se apresentam encobertas as relações de poder que regem os agentes e a ordem da sociedade global. Neste sentido, o reconhecimento da legitimidade dos valores produzidos e administrados pela classe dominante implicam o desconhecimento social do espaço onde se trava, simbolicamente, a luta de classes.” (Bourdieu, 1994)

O objetivo geral do trabalho é fazer uma articulação entre a desvalorização da Enfermagem e a violência simbólica e de gênero dentro da profissão, fazendo um resgate histórico da profissão, e relacionando as dificuldades encontradas pelo profissional de enfermagem no

mercado de trabalho e no meio social com sua raiz simbólica no feminino.

A partir da pesquisa espera-se encontrar nas teorias da violência simbólica e de gênero, respostas para as adversidades que a Enfermagem encontra como campo de pesquisa e força de trabalho, em comparação a outras profissões da área da saúde, a exemplo da Medicina, que é colocada como superior à Enfermagem, trazendo como explicação as raízes simbólicas das duas profissões; a Enfermagem com sua raiz feminina, e a Medicina com raiz masculina, levando em conta que são profissões que se complementam e não sendo uma profissão acima e outra abaixo.

Este trabalho focou nos estudos históricos e sociológicos da Enfermagem, do qual compõem um campo de pesquisa pouco explorado dentro da profissão.

A pesquisa analisou os contextos tidos como naturalizados dentro da área de conhecimento, fazendo uma problematização a partir de como nasceu a Enfermagem e das situações que são impostas a estes profissionais, especialmente no seu campo de atuação como sendo uma profissão com a maioria da força de trabalho feminina. É importante destacar que os enfermeiros continuam ocupando os cargos de gestão superior, restando às enfermeiras a realização do trabalho mais desgastante e recebendo uma remuneração abaixo dos enfermeiros.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 *Violência de gênero na Enfermagem*

A Violência de gênero tem sido um dos grandes temas de pesquisas em todas as áreas de conhecimento. Desde então, com diferentes proporções e compreensões, os estudos de gênero têm se expandido especialmente nas áreas das ciências humanas e da saúde num esforço significativo para compreender e transformar as desigualdades de gênero (DUARTE et al., 2005).

Desde os primórdios da humanidade que o papel da mulher na sociedade tem sido comentado e questionado. Na Grécia Antiga, por exemplo, o papel social da mulher estava irremediavelmente ligado ao casamento e à religião (SANTOS, 2009). Diante do surgimento dos conflitos de teorias, diversos pontos de vista e diversas especulações sobre o que seria destinado ao ser mulher desde o seu nascimento, e qual seu papel na sociedade moderna, viraram questões a serem estudadas. Diversos comportamentos, enraizados e culturalmente disseminados através do patriarcado, que ainda hoje são altamente presentes na nossa sociedade, entraram em pauta na ciência, e se começou uma análise sobre a desconstrução da cultura machista na sociedade moderna. Esses comportamentos começaram a ser debatidos e tiveram sua naturalidade questionada a partir do século XX com o nascimento dos movimentos feministas, que tinham por base a liberdade da mulher, e o reconhecimento dos seus direitos. Um desses questionamentos, que vieram à tona a partir deste marco histórico, foi a inserção da mulher no mercado de trabalho, e sobre sua liberdade e independência financeira, trazendo novas formas, ideias e opiniões que contribuíram para a luta e enfrentamento das questões relativas a violência de gênero (FERREIRA, 2018).

Dentro da área da saúde, apesar da importância do tema, os estudos das violências de gênero dentro da Enfermagem, no Brasil, ainda são pouco explorados. Existem poucas publicações utilizando o gênero como referencial de análise. Segundo Silva, 1999, o núcleo de definições de gênero reside em uma conexão integral entre duas proposições:

Assim, na Enfermagem, essa abordagem tem uma importância singular, pois apresenta explicações sobre os conflitos trazidos para o campo profissional entre atividades de enfermagem e atividades médicas, estas últimas construídas no campo masculino (COELHO, 2005). Faz também um comparativo sobre as profissões que são de maior domínio feminino, e das que têm na sua maior composição profissional pessoas do sexo masculino, gerando uma desigualdade nas posições que essas profissões se colocam dentro do mercado simbólico da sociedade, trazendo a violência de gênero como uma marca dentro de todas as profissões que são dominadas por mulheres.

Segundo Saffioti (2001) a violência de gênero pode ser entendida como uma relação marcada pela desigualdade de poder baseada em uma lógica machista. Essa desigualdade pode variar de acordo com o grupo que ela atinge, já que abrange não só o grupo das mulheres, como todos os grupos que fogem ao padrão machista imposto pelo patriarcado instalado em nossa sociedade. Até os próprios homens, quando não se encaixam nos moldes deste padrão, são vítimas de comportamentos violentos aceitos como naturais na sociedade.

Dentro do universo acadêmico, devemos considerar a violência de gênero como um problema de saúde pública complexo e prioritário (GRANJA; MEDRADO, 2009; LIMA; BUCHELE, 2011; BELLO-URREGO, 2013). Esse problema, tão sério na sociedade, vitimiza e mata milhões de mulheres em todo o mundo por violências físicas e psicológicas. Assim, como citado anteriormente, pessoas que não se encaixam como: travestis, homossexuais e transexuais, sofrem e morrem todos os dias no mundo, apenas pelo fato de não se encaixarem nesses padrões sociais estabelecidos.

Dentro da Enfermagem, a violência de gênero se encontra presente não somente na forma física ou nitidamente expressa, mas também de forma simbólica em várias atitudes culturais que são disseminadas dentro do ambiente profissional de muitos serviços de saúde. Estereótipos e preconceitos fazem parte da trajetória da história da enfermagem, podendo ser determinados e reforçados pelo fato da enfermagem ser vista como uma profissão de desempenho basicamente manual e exercida predominantemente por mulheres, o que leva esta prática profissional a ser

socialmente desvalorizada (JESUS et al., 2010). Desde o surgimento da Enfermagem, que o público profissional, que tem sua grande composição como mulheres, precisam lidar com salários injustos, cargas de trabalho abusivas, humilhações profissionais, cobranças excessivas, subserviência aos profissionais de medicina, dentre outras questões que serão abordadas no decorrer da pesquisa. Essas questões esquecidas e naturalizadas dentro do contexto de toda história da Enfermagem, fazem com que os profissionais desta linha de cuidados, venha a desenvolver problemas dentro da própria classe, estimulando a competitividade dentre os profissionais da mesma linha, em busca de um destaque acima do outro profissional. Muitas vezes esses fatores levam os profissionais a exaustão, depressão, desenvolvimento de sequelas graves por uma carga de trabalho além do suportado e afastando o profissional do seu ciclo social pelo fato dele ter que passar vários dias dentro do ambiente de trabalho, para conseguir uma remuneração maior. A violência de gênero diz muito a respeito da raiz destes problemas dentro do contexto da Enfermagem, de onde ela vem e como ela se estabelece como regra dentro da profissão, trazendo a questão de gênero como um dos grandes propulsores dentro da enfermagem.

2.2 Violência simbólica na Enfermagem.

A violência simbólica, é quase que invisível aos olhos que quem não tem nenhuma leitura sobre a temática, porém, uma violência invisível, pode trazer danos muito mais fortes do que o físico. O dano intelectual, do qual as mulheres têm se depreciado durante anos, é uma consequência que desde a revolução industrial, onde foi inserida de maneira formal ao mercado de trabalho, se expressa de forma sutil, porém clara, diante de uma cultura machista e dominadora, que ainda hoje, tende a condicionar as mulheres a cuidarem da casa e dos filhos, de forma totalmente voluntária e natural, trazendo para a mulher um papel social de detentora do cuidar nato.

A violência simbólica segundo Pierre Bourdieu (2002) se define como: violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, se trata de uma

violência sutil e discreta, que na grande maioria das vezes é vista como natural e enraizada na nossa cultura desde os primórdios da humanidade, trazendo consigo uma forma de dominação psicológica e social das mulheres que até o presente momento, é uma das mais presentes na sociedade ainda nos tempos atuais.

A violência simbólica, em comparação à violência de gênero, é pouco comentada em relação às formas de agressões nitidamente expressas. De acordo com Pierre Bourdieu (2002), a violência simbólica, ao contrário das demais violências, não agride diretamente o indivíduo de forma visível, causando danos físicos ou perceptíveis. Mas sim, se trata de uma violência que na grande maioria das vezes passa despercebida aos olhos da sociedade no geral, podendo evoluir em sua gravidade, levando o agressor à violência física, e culpabilizando a vítima pela agressão. Porém, não chegar a cometer agressões físicas, não tira o peso das demais formas de agressões, também graves, das quais os oprimidos pela violência simbólica podem estar expostos. Ao contrário da violência física que é vista e reconhecida, as violências psicológicas, patrimoniais e intelectuais, são raramente reconhecidas e tratadas, por ser algo simbólico e naturalizado pela dominação masculina dentro do contexto social.

Para Bourdieu (1989), a violência simbólica é consequência do poder simbólico, um tipo de poder invisível que regula práticas e condutas dos membros de uma sociedade e tem força suficiente para moldar sua identidade, pois se fundamenta na construção recorrente de valores, regras e normas de conduta que induzem pessoas a se comportar segundo seus critérios. Para o autor, é assim que o poder simbólico cumpre sua função política como instrumento de imposição de uma classe ou grupo sobre outro, constituindo-se em uma autoridade invisível que carrega consigo uma violência também simbólica, cuja pretensão é justificar preconceitos, estereótipos e práticas de dominação (GODINHO, 2020). A violência simbólica, apesar de carregar o estereótipo de violência sutil, está impregnada em todas as ações exercidas pelo patriarcado. Ainda segundo Bourdieu (2002), essa violência se legitima a partir do momento em que se pratica ações que são naturalizadas ou tidas como rotineiras e normais, mas que no fundo agridem, violentam e colocam um grupo sob domínio de outro grupo que é socialmente mais forte.

A dominação masculina, vem de um contexto social androcêntrico, no qual a sociedade de forma quase que espontânea, preferência homens para posições tidas como privilegiadas, colocando sempre a feminilidade um passo abaixo nas relações sociais e de poder, assim como tudo que nasce de um contexto feminino. Isto se torna um grande fato quando paramos para analisar a relação entre os postos de trabalhos, e sua relação com a

valorização no mercado de trabalho. Profissões das quais tem sua origem de mulheres, que vem do que a sociedade chama de dons femininos, acabam por se tornar subalternas no senso comum da sociedade no geral, a outras profissões que são tidas como masculina, que geralmente são mais valorizadas e respeitadas, não só financeiramente, sendo melhor remuneradas, como também acaba se tornando dominadores de vícios de hierarquia, que na verdade não existem lógica biológica numa sociedade igualitária. Em vários países, trabalhos mostram que a enfermagem tem longas jornadas de trabalho, associadas a más condições laborais, pouca autonomia, muita responsabilidade e baixa valorização, que geram elevada demanda física e emocional (PIRES et al., 2010; GRAY-STANLEY; MURAMATSU, 2011; BOGAERT et al.; 2013; DALRI et al., 2014a; SILVA NETO et al., 2015; LALA et al., 2016; OLIVEIRA et al., 2018).

Segundo Bourdieu (2002) a divisão dos sexos, entre o que é feminino e o que é masculino, se deu de maneira social, fazendo com que a mulher fosse colocada, em questões políticas, sociais e culturais, sempre em degraus abaixo dos homens, guardando para estes os principais espaços de liberdade e poder, e para as mulheres o espaço da obediência e submissão. Dessa lógica, nasce o berço da desvalorização profissional dessas profissões que são majoritariamente femininas, e a grande valorização profissional de profissões que nascem como masculinas, fazendo do gênero um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos. Fazendo do gênero uma forma de significar as relações de poder (COELHO,2005).

As profissões femininas geralmente são colocadas como feitas por amor, por paixão ou como obrigações natas, que seriam dádivas femininas que faz com que a mulher já nasça com a obrigação de ter que ter aptidão para atividades como limpeza, cuidado, atividades domésticas e etc. Isso faz com que se gere uma desvalorização profissional dessas atividades, por serem colocadas como trabalhos manuais, que são menos importantes, por serem atribuições das quais as mulheres têm o papel de exercer naturalmente, independente de uma remuneração. Essas representações vão integrando um sistema simbólico e de valores carregado de estereótipos que ditam o que é apropriado para mulheres e para homens, sendo naturalizados e veiculados pela instituições sociais (família, escola, igreja, mídia, entre outras) e incorporados subjetivamente, influenciando profundamente, a formação da identidade de gênero (COELHO, 2005).

A relação dominador/submisso não se dá apenas no ambiente de trabalho. Bourdieu (2002) em seu livro “A dominação masculina”, menciona que essa relação de poder está presente em todos os aspectos da vida, nas relações sexuais, nas partes do corpo, na casa, no

comércio, na indústria. É possível notar a violência simbólica, em todas as esferas globais, apresentando uma clara ideia da importância da temática na área dos estudos da violência.

Tudo isso se encaixa no conceito de violência simbólica e de gênero, no contexto de nascimento da enfermagem como uma profissão feminina, e sendo a classe que mais abriga profissionais mulheres na área da saúde (GODINHO, 2020).

2.3 História da enfermagem e sua relação com a desvalorização de gênero.

O cuidar da saúde e acompanhamento de doentes e suas curas se dá desde da antiguidade e nem sempre foi um ofício majoritário de mulheres. Mesmo assim, vários autores como Paixão num período mais antigo, afirma que “nas mais remotas eras, podemos imaginar a mãe como primeira enfermeira da família” (PAIXÃO, 1979. p.19). A análise histórica da autora sustenta o argumento desta pesquisa, como o papel da enfermeira é fundado numa moralidade cristã e coloca a mulher e o cuidar no lugar da devoção e da submissão

A Enfermagem é uma profissão milenar, que surge com o voluntariado de mulheres religiosas, que se propuseram a cuidar dos doentes e feridos de forma não científica, e que auxiliavam os profissionais de medicina em seus procedimentos. No Brasil, a enfermagem pré-moderna, era associada totalmente à igreja católica, sendo exercida apenas pelas irmãs de caridade, que se propunham a prestar cuidados a pessoas feridas, pelo que se acreditava ser um dom divino, o dom do cuidar. Já na Europa, a enfermagem era associada a mulheres vulgares, que como forma de tentar se redimir com a sociedade, eram obrigadas a se colocarem a disposição de cuidar dos soldados feridos, e pessoas doentes, por uma baixa remuneração ou sem nenhuma remuneração para que essas mulheres pudessem ser absorvidas dos seus pecados e pudessem voltar a viver em sociedade, tendo o mínimo de dignidade.

Os argumentos dos diversos autores dentro dos estudos de gênero, trás consigo uma variedade de hipóteses e teorias que somado ao saber social nos mostram como o papel da mulher tem sido marginalizado durante séculos na história da enfermagem. Importantes dados históricos, sua argumentação sustenta um campo social de dominação masculina, referência a um campo simbólico cuja moral hegemônica sustenta as assimetrias de gênero (MAGALHÃES, 2015)

Segundo Geovanini (1995), a Enfermagem como arte e a ciência do CUIDAR, necessária a todos os povos e a todas as nações. Imprescindível em época de paz ou época de guerra, é indispensável à preservação da saúde e da vida dos seres humanos em todos os níveis, classes ou condições sociais. Considerando que a Enfermagem, é uma das profissões mais importantes e relevantes da área da saúde, questiona-se a partir de qual momento, ela

começa a sofrer situações de desvalorização e opressão, dentre as demais profissões. Essa questão pode ser respondida, quando se analisa um pouco sobre a história do surgimento da Enfermagem, e sua ligação direta com o voluntariado feminino que era condicionado a exercer a profissão, apenas por questões ideológicas e de obrigação. Assim como as demais profissões que vinham do ser feminino (doméstica, parteira, cozinheira...) a Enfermagem nasce como uma profissão que é exercida como dom inato, presente nas mulheres desde o seu nascimento e exercido por obrigação natural. Segundo Silva (1995) chances de vida diferenciadas por gênero é um aspecto enfatizado na análise empírica de Birkelund que distingue dois tipos de segregação ocupacional da mulher. Primeiramente, o aspecto estrutural indica que as mulheres são empregadas em diferentes profissões e menos valorizadas:

Na média, as profissões dominadas pelos homens têm melhor salário, melhor educação e perspectiva de carreira, mais autonomia, envolvem mais tomada de decisão e autoridade (BIRKELUND, 1992, p.49).

Ainda segundo Silva (1995), esse tipo de efeito estrutural ocorre independentemente do sexo dos indivíduos específicos; é uma constatação empírica da desvalorização das profissões femininas a que Bourdieu se refere. As profissões com altas proporções de mulheres tendem a estar situadas numa baixa hierarquia em termos de classe social.

A Enfermagem, no seu surgimento era relacionada a vários padrões de mulheres de diferentes classes, como: as religiosas, que exerciam o cuidar como forma de devoção a deus, as curandeiras que exerciam a enfermagem de forma apegada com a natureza e também às mulheres mais pobre e tidas como vulgares, associada às escravas e domésticas que cuidavam das pessoas e muitas vezes também sofriam abusos sexuais por parte dos patrões. A atuação de Florence Nightingale, no contexto histórico acima mencionado, destacou-se, tendo em vista a proposição de um novo paradigma para o cuidado. Assim, por pertencer a uma família rica e aristocrática, ela encontrou dificuldades quanto à aceitação de sua família em relação à escolha profissional de tornar-se enfermeira e prestar serviços em hospitais (JESUS et al., 2010).

Estudando a história da enfermagem, observa-se que a percepção distorcida e errônea da profissão, logo preconceituosa, não é um fenômeno incomum, tampouco recente, tendo sua gênese possivelmente a partir da laicização do cuidar, iniciado com a reforma protestante. A conjuntura da reforma fez com que as religiosas que cuidavam dos doentes, fossem expulsas dos hospitais, em alguns países, como a Inglaterra dos séculos XVII, e XVIII, sendo necessário, portanto, a busca de mão de obra para substituí-las; não havendo pessoas

qualificadas para tal atividade e sendo o trabalho pesado, insalubre e mal remunerado, o pessoal que se apresentava era o mais baixo na escala social, de duvidosa moralidade (JESUS et al., 2010).

Essas duas vertentes do nascimento da Enfermagem da santificação e da sexualização, nos trazem diversas informações a respeito do surgimento da enfermagem, e da influência desses dois extremos na cultura disseminada dentro da profissão da enfermeira, o da santa cuidadora, e o da mulher sexualizada. Durante muitos anos é disseminado o sexismo e o machismo explicitamente dentro da profissão da enfermeira, que se faziam como nos deparamos com situações que

fazem da enfermagem uma fantasia de carnaval, como figura sexy, vulgar e amante do médico. E também como, se ia ao extremo da mulher santa, que não necessitava de dinheiro para exercer sua profissão, que pratica o cuidado com amor e carinho a todos, sem nunca descansar e que precisava dedicar sua vida inteira ao seu trabalho, como uma missão divina e sacerdócio. Todas essas questões estão atreladas aos estereótipos sexistas, ao papel social preconizado à mulher e ao homem e determinam e corroboram para uma prática profissional em enfermagem alienada e subjugada por interesses econômicos de dominação, opressão e marginalização. Nessa direção, identificar a enfermeira com o estereótipo de anjo é uma forma de reafirmar uma identidade que à distância do profissionalismo e de uma postura de engajamento político, a mantém como ser que exerce uma ocupação sagrada e serve para afastá-la do aspecto profissional (ALMEIDA et al., 2016).

Algumas autoras afirmam que a respeito da enfermagem, além de ser vista como estruturalmente secundária, a desigualdade com a medicina se acentua pelo fato dela ter uma história ligada ao fazer, desarticulada de uma teorização e de uma formação sistemática e científica e como consequência, o reflexo mais forte é a desvalorização e o desprestígio da profissão em relação à medicina (ALMEIDA et al., 2016)

A perpetuação da Enfermagem moderna, se deu principalmente através de Florence Nightingale, uma mulher aristocrata, esposa e mãe, que preocupada com seu filho e marido na guerra, se propôs a ir para a Guerra da Crimeia de maneira voluntária para cuidar dos soldados feridos na guerra. Essa função já era exercida por algumas irmãs de caridade, porém Florence com seu ato de amor e cuidado, e também com seu poder e influência social por ser uma mulher rica, acabou por transformar a sistematização do cuidado, pois tinha acesso a conhecimentos e oportunidades que as demais mulheres não tinham, por ser uma mulher nobre. Florence acabou virando a mãe da enfermagem moderna, trazendo o método nightingaleano para a enfermagem, e recrutando mulheres para serem enfermeiras, junto a ela.

Sendo responsável pelo título da primeira enfermeira a trazer ciência para dentro da enfermagem. Porém, dentro da história de Florence, ainda podemos perceber que mesmo a enfermagem moderna, vem de um berço de voluntariado e subserviência, que faziam das mulheres as detentoras do cuidado integral, como preocupação nata para com o próximo, com muitas exigências, pouca ou quase nenhuma remuneração e pouco espaço dentro do trabalho. O pensamento cristão fortaleceu os padrões de estereótipos de gênero, aumentando a participação de mulheres na enfermagem. Florence Nightingale, mesmo após a organização da profissão, compartilhava crenças semelhantes, contribuindo para a massificação do trabalho feminino na categoria, sendo a Enfermagem moderna e contemporânea desenvolvida nesses moldes (MAGALHÃES, 2021).

No caso específico da Enfermagem moderna brasileira, esta nasce sob o discurso higienista do início do século XX, período em que a igreja e a Medicina aliam-se, disciplinando, controlando e reduzindo a função da mulher à de mãe, esposa e educadora, sendo permitida a atuação no mundo público desde que somassem a obediência ao marido e aos médicos (COELHO, 2005). Isso traz um gatilho que podemos refletir como o machismo e o patriarcado influenciaram no desenvolvimento da profissão, por ser uma profissão de natureza feminina. A violência simbólica e de gênero se encaixam nesses padrões de maneira sutil, que se enxergamos nas entrelinhas da história, perceberemos que desde o seu surgimento da antiguidade, a enfermagem sofre com diversas armas sociais do patriarcado, sendo criada dentro de um berço de desvalorização do feminino, e sendo tratada com profissão subalterna.

O movimento feminista nasce no começo do século XX e traz consigo várias questões sobre o papel da mulher na sociedade, porém, os estudos que envolvem as mulheres no Brasil só foram iniciados no começo dos anos 60 com objetivo de compreender as transformações sociais, principalmente no mundo do trabalho e de como se dava a inserção das mesmas em um contexto até então dominado pelo masculino (DIAS; FERREIRA; SILVA, 2017).

Nesse período, começaram a surgir vários grupos de mulheres, interessadas pelas causas feministas e pelo desenvolvimento de pesquisas envolvendo a divisão sexual do trabalho, discriminações sociais entre sexos e o papel tradicional da mulher na sociedade e na família.

O movimento feminista apresenta importantes modificações sobre as reflexões envolvendo a mulher e pode ser considerada a ruptura que possibilitou uma das transformações mais radicais deste século que foi a modificação da posição das mulheres na sociedade ocidental. Em poucas décadas o feminismo mudou relações de autoridade milenares, abalou a estrutura tradicional familiar e promoveu um rompimento com uma forma

de alienação considerada absolutamente natural por séculos, definida pela submissão das mulheres aos homens (ALMEIDA, 2011).

Porém, as mudanças que o pensamento feminista trouxe para a sociedade, ainda não é algo absoluto. Ainda é disseminada uma cultura machista e falocêntrica na sociedade como todo, trazendo o machismo e o patriarcado como o pilar mais forte da nossa sociedade. Trazer a mulher para dentro do campo acadêmico, foi uma das conquistas mais importantes para o desenvolvimento intelectual das mulheres e para sua independência financeira e do mercado de trabalho. Trazendo um pensamento amplo e uma formação acadêmica que as colocassem no mesmo patamar que homens. Porém, mesmo com as portas das universidades abertas para as mulheres, as dificuldades encontradas por elas para se igualarem ao mesmo nível de privilégios que o sexo oposto são inúmeras. Além de muitas vezes essas mulheres terem que cuidar da casa, do casamento e dos filhos, mesmo as mulheres solteiras ainda se deparam com barreiras de imposições sociais como cuidar da casa e se dedicar apenas ao lar.

Dentro da Enfermagem, o movimento feminista trouxe consigo uma alavanca para o impulsionamento dessas mulheres para dentro da universidade e o rompimento dos métodos de discriminação sexual no ensino. Sendo o curso de Enfermagem um dos que mais abrigam profissionais mulheres, sendo de uma importância e compreendendo a importância de inserir, num curso eminentemente feminino, os elementos do feminismo e a ampliação destes conceitos. Segundo dados do IBGE, a equipe de enfermagem era composta por 84,6% de mulheres (IBGE, 2025). Isso ressalta a importância de se estudar os impactos no gênero dentro da profissão.

3 METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa descritiva, com a finalidade de analisar a relação de dominação masculina e violência simbólica e de gênero dentro da área de estudo da Enfermagem, partindo de uma revisão bibliográfica composta por pesquisadores da área de gênero, sendo escolhido o ensaio teórico e o método dedutivo para a metodologia de pesquisa utilizada.

O ensaio teórico caracteriza-se pela sua natureza reflexiva e interpretativa, diferente da forma classificatória da ciência (MENEGHETTI, 2011), possibilitando ao autor a liberdade para dialogar com o leitor durante o desenvolvimento do trabalho, podendo interrogar e até dando espaço para que o leitor tire suas conclusões sobre a temática abordada.

A finalidade do estudo é traçar uma ligação entre a desvalorização profissional do enfermeiro e sua relação com a origem da profissão ter se dado por pessoas do gênero feminino e da profissão ser encarada com inferioridade por ter a maioria dos seus profissionais do sexo feminino, proporcionando uma reflexão sobre o papel da mulher na sociedade e de suas lutas e como essas questões se encaixam dentro do contexto histórico e atual da Enfermagem.

Assim, as reflexões apresentadas neste trabalho, não são apenas sobre o papel da Enfermagem dentro do conceito de profissões desvalorizadas por nascerem do feminino, mas sim, trazer à tona várias outras profissões que sofrem pela cultura machista e falocêntrica encaixada na sociedade, possibilitando mais espaço para argumentações empíricas de sustentação teórica.

O tema foi escolhido verificando a importância da temática dentro da área da Enfermagem e verificando que há poucos estudos envolvendo diretamente a Enfermagem e a violência simbólica e de gênero.

Para isso, o método de pesquisa foi baseado em estudos de pesquisadores e pensadores que elaboraram obras e trabalhos pertinentes e de bastante relevância sobre esta temática.

O estudo teve uma abordagem qualitativa, com ênfase na pesquisa bibliográfica, com o objetivo de compreender como as relações de gênero influenciaram e ainda influenciam na história da Enfermagem, trazendo consequências particularmente de discriminação de gênero pra dentro do campo de trabalho de Enfermagem.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o nascimento da Enfermagem, o dom de cuidar que antes era tido como obrigatório pelas mulheres, começou a ser enxergado como um campo da ciência, digno de atenção e de estudos mais aprofundados. Começou então a se dar respeito e importância para o que era tido como uma obrigação nata e infundada, fazendo com que o cuidado, que antes era apenas tido como senso comum, sem fundamento, sem embasamento, e praticado apenas por aprendizagens de outras mulheres, passasse a ser um campo científico, vasto e rico em conhecimentos e questionamentos, que são próprios da área. Porém, como a maioria de tudo que vem de tarefas femininas, a Enfermagem nasce em um berço de desvalorizações, do qual ainda carrega uma série de prejuízos em seu meio de trabalho até os dias atuais, fazendo com que ainda haja várias sequelas destas injustiças, no mundo das ciências da saúde, fazendo com que a profissão seja um dos campos profissionais de nível superior que mais trabalha e que menos é reconhecido financeiramente e moralmente. Historicamente as mulheres têm se situado em posições subalternas na sociedade, em função da nítida diferenciação dos sexos sociais. Esta diferenciação alimenta e é alimentada sobretudo, pela divisão de gênero no trabalho, estruturada na separação do trabalho de homens e de mulheres e na valorização das atividades ditas masculinas (DUARTE, et al., 2015). A Enfermagem se encaixa perfeitamente no molde de profissão desvalorizada por pertencer e ter sua raiz no gênero feminino. Isso se mostra nitidamente quando avaliamos relações de carga horária, ganhos até sob as competências e reconhecimento dos serviços prestados por esses profissionais, em comparação com outras áreas da saúde.

Tabela 1 - Média salarial dos profissionais de saúde de acordo com a carga horária trabalhada:

Cargo	Jornada/h	Piso em R\$	Teto em R\$	Média em R\$	Salário/hem R\$
Técnico de Enfermagem	38	1.681,79	1.765,31	2.667,78	9,20
Enfermeiro	38	3.295,42	3.459,08	5.227,46	18,19
Auxiliar de enfermagem	39	1.745,59	1.832,27	2.768,99	9,52

Cuidador de idosos	41	1.252,46	1.314,66	1.986,76	6,42
Farmacêutico	38	3.348,73	3.515,03	5.312,02	18,26
Cirurgião dentista	32	4.182,37	4.390,07	6.634,40	27,40
Médico Clínico	23	7.541,03	7.915,52	11.962,18	67,75

Tabela 1: Fonte: Salario.com.br - Novo CAGED/eSocial/Empregador Web | Atualização: 10 de março de 2022. Disponível em:

<https://www.salario.com.br/tabela-salarial/cargos-e-salarios-area-da-saude/>. Acesso em 18 de março de 2022.

De acordo com a tabela podemos enxergar um pouco o quanto o trabalho da cuidadora, seja de enfermagem ou técnico, ainda é desvalorizado com salários baixos e uma carga horária média de em alguns casos, maior que 40 horas semanais. Enquanto isso, profissões como farmacêutico, dentista e médico, ultrapassam facilmente a enfermagem não só e ganhos, mas também em menores carga horária. Segundo Péres e David (2018), o aumento da carga de trabalho está relacionado à distribuição das cargas horárias, pois, trabalhadores precarizados possuem jornadas mensais maiores que os demais, o que lhes impõem um regime de trabalho desigual com maior desgaste físico e mental. Associado há a necessidade de complementação da renda e a insegurança quanto a permanência no vínculo instável, o que leva o trabalhador a buscar múltiplos vínculos contribuindo para o aumento de sua carga de trabalho e desgaste (PÉRES, DAVID; 2018).

Quando a mulher começou a ganhar o mercado de trabalho, após a revolução industrial, começou uma série de questões a serem levantadas, até pelas próprias mulheres. Pois a partir deste marco ela não assume apenas o papel de detentora da renda, como os homens. Ela precisou de esforços além do trabalho, exemplo do enfrentamento às adversidades dentro do seu lar que lhe foram impostas desde o nascimento, que se expressa bem como exemplo do cuidar.

Cuidar das crianças, do lar, dos pais, do marido, dos irmãos... O dom do cuidar, por décadas foi tido como próprio da mulher, sendo um dom inato, e sem intelecto algum. Historicamente, a cultura e a tradição reservaram para as mulheres a maternidade como papel natural e, portanto, um atributo que deve ser incorporado pelas mesmas para sua inserção na sociedade. Ao serem socializadas para cuidar da família (marido, filhos e pessoas mais velhas), as mulheres passaram a assumir um estatuto social marcado pela subserviência (SAMPAIO, 2002). De acordo com essa pesquisa, os profissionais de enfermagem é a classe

diretamente ligada aos maiores números de acidentes e sequelas de trabalho, fazendo com que sequelas como problemas psicológicos, dores na coluna, dores nos membros inferiores, insônia e infecções, sejam problemas comuns dentro do dia a dia do profissional de enfermagem.

Figura 1 - Matéria do Sindesp sobre desvalorização da Enfermagem.



Fonte: Sindesp. Acesso em 20 de Março de 2022.

Os profissionais de enfermagem, dentro do serviço hospitalar, estão entre os mais cobrados em relação às demandas de ser e competências, precisando circular dentro de todas as áreas de conhecimento, dentro de todos os campos da saúde e precisar se atentar a erros de outros profissionais, que podem se tornar um problema seu. De acordo com a pesquisa de Carvalho et al. (2019), as cargas de trabalho identificadas, como sempre presentes no trabalho da Enfermagem, foram as cargas biológicas, seguidas pelas cargas psíquicas, fisiológicas, químicas, físicas e mecânicas (CARVALHO, et al., 2019).

Isso resulta numa cobrança abusiva dentro da profissão, fazendo da Enfermagem uma área que abrange todas as outras como medicina, fisioterapia, farmácia, nutrição, entre outras. No senso comum, ainda existe o estigma de que o bom enfermeiro é aquele que entende de todas as áreas. Entretanto, assim como na lógica machista, onde a mulher digna para um casamento é aquela que consegue dar conta de várias demandas ao mesmo tempo, como: cuidar da limpeza doméstica, cozinhar, ser boa mãe, boa filha e boa esposa, a Enfermagem é cobrada por obrigações que não são necessariamente suas, pois essa lógica machista que sobrecarrega as mulheres, também se encontra dentro do contexto da enfermeira, e que os profissionais acabam se submetendo para conseguir o respeito dentro do serviço que o abriga.

Figura 2 - Manchete no Brasil de Fato sobre os baixos da enfermagem salários em Pernambuco.



INÍCIO > GERAL

DIREITO TRABALHISTA

Trabalhadores da enfermagem ganham salários a partir de R\$ 774 em Pernambuco

Esperança repousa na aprovação de PL que institui um piso salarial nacional para a categoria

Maria Lígia Barros
Brasil de Fato | Recife (PE) | 15 de Março de 2022 às 22:11

Fonte: Brasil de Fato. Acesso em 20 de Março de 2022.

Essas questões mostram o quanto ainda em dias atuais, a soberania masculina nas profissões ainda está fortemente presente e o quanto a desvalorização das profissões que tem como figura maior e maiores componentes as mulheres, ainda têm uma forte desvalorização em detrimento da classe de gênero. De acordo com o COFEN a equipe de enfermagem é predominantemente feminina, sendo composta por 84,6% de mulheres. A enfermagem hoje no país é composta por um quadro de 80% de técnicos e auxiliares e 20% de enfermeiros. Isso nos mostra que ainda há uma dificuldade de acesso ao ensino superior pelos profissionais de enfermagem, trazendo prejuízos de qualificação profissional para dentro da profissão. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015), a área de saúde compõe-se de um contingente de 3,5 milhões de trabalhadores, dos quais cerca de 50% atuam na enfermagem (COFEN, 2015). Isso mostra que a grande quantidade de profissionais dentro do campo da enfermagem, não garante que essa classe tenha oportunidades melhores de ingresso em instituições de ensino superior e de bons cargos de trabalho.

Parando para refletir um pouco mais, acerca das competências dos profissionais de saúde dentro dos serviços, as práticas revelam que os profissionais de medicina para receberem a fama de bons profissionais, precisam apenas serem bons dentro da sua área específica. Raramente ou quase nunca, observam-se médicos sendo cobrados por terem competências que não são suas, como por exemplo: dar banho no leito, administrar medicações ou por saber interpretar uma evolução de enfermagem.

Por outro lado, os profissionais de Enfermagem, rotineiramente precisam estar atentos para corrigirem prescrições médicas erradas, terem que compreender letras ilegíveis, e até executarem procedimentos que não são de sua competência, para que em casos de urgência, consigam dar o suporte necessário para os clientes. Hoje em dia, em algumas práticas cotidianas se observam aspectos de submissão, como, por exemplo, o direito exclusivo dos

médicos de abrirem osexames ou de receitarem medicamentos (WAGNER et al., 2009), ainda que os/as enfermeiros/as tenham competência para ambos. Sua subordinação à Medicina, profissão constituída como autoridade central na área da saúde, também pode ser identificada em termos dos estratos sociais que a compõem, do prestígio e, sobretudo, da remuneração recebida (LOMBARDI; CAMPOS, 2018).

Figura 3 - Manchete no Correio Braziliense sobre ausência de piso salarial da Enfermagem.



Fonte: Correio Braziliense. Acesso em 20 de Março de 2022

A Partir do momento em que os profissionais de enfermagem aceitam essas condições de subordinação e dominação, eles próprios estão aceitando seu perfil de dominados, e contribuindo diretamente para que as crenças morais que inferiorizam a figura da enfermeira, se estabeleça e continue se perpetuando dentro dos serviços de saúde. Muito embora, esse seja um processo não intencional, elas permanecem cegas e mudas pela assunção das identidades dos personagens morais como sendo suas próprias. Na verdade, isso nada mais é do que o efeito pernicioso incorporado durante o processo de socialização desses profissionais que foram corrompidos pela ordem dominante ao aceitarem passivamente essa condição de submissão (SAMPAIO, 2002).

Uma vez desvalorizado o trabalho que as mulheres realizam no âmbito doméstico sendo o cuidar profissional, em muitos momentos, confundido com o que se dá nesse espaço, há uma estreita relação entre o lugar social de mulheres e de enfermeiras (COELHO, 2005).

(...) o saber do médico incorpora o saber tecnológico, científico e masculino; o saber da enfermeira incorpora, ao contrário, o saber difuso, pouco científico e sobretudo um saber qualificado como feminino (PEREIRA; SILVA, 1997, p. 20)

A desvalorização da enfermagem acontece silenciosamente, através da violência simbólica, da dominação masculina e das relações de poder que tecem um panorama com os traços das desigualdades entre gêneros (MAGALHÃES, 2021).

Hirata (2016) aponta que, apesar da mudança dos padrões culturais e de gênero – como a redução da taxa de fecundidade e o aumento nos níveis de escolaridade das mulheres nas últimas três décadas – a entrada da mulher no mercado de trabalho em comparação aos homens ainda é bastante desigual. Destacando atividades de má qualidade e sem direitos trabalhistas como atividades informais e trabalhos de meio período como provedor de renda para muitas mulheres. As taxas de atividade têm crescido, porém os empregos criados são considerados vulneráveis e precários, com a ampliação do trabalho informal (MAGALHÃES, 2021). Enquanto os profissionais de enfermagem ainda nos tempos atuais não possuem sequer um piso salarial aprovado e vigente, chegando a ter que se submeter a trabalhar mais de 40 horas semanais, e em alguns casos ganhar pouco mais de um salário-mínimo. Ainda podemos observar editais de concursos públicos para enfermeiros com essas características de desvalorização, que são repudiados pelos CORENs e COFENs.

Figura 4 - Nota de repúdio do Coren-PE sobre processo seletivo com baixo salário.

Fonte: ASCOM COREN-PE (2017). Acesso em 20 de março de 2022.

14/02/2017

Coren-PE apresenta NOTA DE REPÚDIO ao edital do Processo Seletivo Simplificado de Sirinhaém

O Coren-PE com esta ação reafirma o compromisso com a categoria!

Imprimir



O Conselho Regional de Enfermagem de Pernambuco, através da sua presidente Marcleide Sá Cavalcanti, vem a Público MANIFESTAR a indignação desta autarquia frente aos baixos salários propostos para o cargo de Enfermeiro, no edital do Processo Seletivo Simplificado nº 01/2017, sob responsabilidade da Administração Pública da Prefeitura do Município de Sirinhaém.

O referido concurso prevê um salário de R\$ 500,00 (quinhentos reais) para o cargo de enfermeiro, o que demonstra o total desrespeito por parte da Administração Pública do município, com a categoria.

Nesse sentido, o Processo Seletivo Simplificado, ofertado através do edital nº 01/2017, define uma remuneração que não possui respaldo sequer em pesquisas de mercado, sendo este valor muito abaixo do praticado no Governo do Estadual e nos estabelecimentos privados do nosso Estado.

Ao discutirem a questão do gênero na enfermagem, mencionam que o próprio enfermeiro tem a responsabilidade de modificar a situação de que a profissão é pouco reconhecida e valorizada, constituindo-se em mais um obstáculo para ingresso do elemento masculino na carreira. O envolvimento dele com a profissão, o empenho em valorizá-la e torná-la respeitada são fundamentais para que ele enfrente o preconceito (JESUS et al., 2008).

Apesar de a área da enfermagem ter sido construída como prática feminina, a presença dos homens na profissão já é uma realidade, o que pode representar rupturas importantes com estereótipos de gênero relacionados à prática do cuidado (COELHO, 2005).

A partir da entrada de homens nos cursos de enfermagem, os homens começaram a ocupar cargos de direção e chefias em instituições de saúde, além disso, o termo “enfermeiro” começou a ser utilizado na linguagem da profissão (PADILHA; VAGHETTI; BRODERSEN, 2006).

A enfermagem se consolidou como profissão após o enfrentamento da hegemonia masculina na dominação do mercado de trabalho. Por isso, muitos homens optam por não se ingressar em profissões tidas como femininas e preferem seguir os caminhos sociais hegemônicos e “normatizadores”, salientando e reforçando essa divisão binária de gênero nas profissões e sua hierarquização. Hierarquização onde o homem está no topo e, conseqüentemente, deve exercer profissões de maior poder e prestígio social. Homens que não seguem carreiras masculinizadas, são discriminados por serem considerados inferiores e até mesmos questionados em relação às suas orientações sexuais, por optarem por uma profissão tida como feminina. Dessa forma, acredita-se que a opção dos homens pela enfermagem, bem como sua inserção na categoria, é atravessada fortemente pelas dimensões de gênero (CUNHA; SOUZA, 2017).

Segundo a base de dados do Mapa da violência de gênero no país, somente em 2017, o Sinan (Sistema de Informação de Agravos de Notificação) recebeu 26.835 registros de estupros em todo o país, o que equivale a 73 estupros registrados a cada dia daquele ano. Destes, 89% tiveram mulheres como vítimas, com o maior percentual no Acre (99%) e o menor em São Paulo e Rio Grande do Sul (86%). As mulheres também foram maioria entre as vítimas nos 209.580 registros de violência física naquele ano. Em todo o país, elas foram 67% das pessoas agredidas fisicamente nos casos presentes no Sinan. No Distrito Federal, esse índice chegou a 75%, e o mais baixo foi 54%, no Amazonas (MAPA ..., 2019).

Isso mostra que as mulheres ainda representam uma parte frágil na sociedade, que estão em maior vulnerabilidade em todos os aspectos, merecendo atenção especial para as

pesquisas voltadas para o gênero, a fim de diminuir os números agravantes de violências contra esse grupo, e trazendo maior estabilidade e igualdade de gênero no país.

Se faz necessário que seja feita uma análise crítica de todos os estigmas que carrega a enfermagem e o quanto esses estigmas vem da sua naturalização da subordinação feminina, tratando a enfermagem como uma profissão que exerce sua feminilidade no cuidar e na dedicação que necessita para se cuidar diretamente de vidas.

A violência simbólica está enraizada como algo que naturaliza todas essas questões que necessita de um debate aprofundado e que nos coloca como profissionais subalternos a profissões das quais deveriam ser nossos aliados no ambiente de trabalho. Isso também nos coloca em questões de que quando indagados sobre a justificativa de tais questões, como a desigualdade da enfermagem perante a medicina, não obtemos uma resposta lógica ou coerente porque uma profissão se sobrepõe e domina a outra.

Segundo Bourdieu (2002):

“A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão do trabalho, distribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservado aos homens e a casa reservada às mulheres.” (Bourdieu, 2002)

Collière (1999) reconhece que o cuidado esteve historicamente associado a uma função subordinada quando desempenhado prioritariamente por mulheres. Ela argumenta que com o passar do tempo essa conotação do cuidado se modificou. No entanto, torna-se interessante ressaltar quais foram as condições em que essa mudança ocorreu. “Despojada de seus valores, privada de uma renovação de conhecimentos, dividida em tarefas dissociadas, a função de cuidados torna-se uma função subalterna desprovida de seu valor social e econômico, até o dia em que, sob o impacto da pressão médica, se transforma na função de tratar”.

De acordo com essa autora há, ainda, um segundo mecanismo de subordinação o qual as enfermeiras estão expostas: a subordinação da prática profissional de enfermagem ao papel representado pela enfermeira. Com esse argumento, Collière (1999) procura demonstrar que, em vez de centrarem-se na profissão de enfermagem, as teias de relações profissionais, sociais

e culturais estão direcionadas à figura da enfermeira. E assim que o papel desempenhado por essa profissional, quando apreendido aos olhos da cultura, encontra-se intimamente ligado às representações simbólicas e imaginárias atribuídas a ele.

Resgatar o percurso histórico da Enfermagem é entender que a profissão se configurou como subordinada ao saber e ao fazer da Medicina, desprovida de liberdade, e construindo suas bases teóricas sob os ensinamentos médicos que foram passo a passo transferindo técnicas e procedimentos para esse profissional. Este deveria não só controlar os doentes, como também cumprir as prescrições médicas no seu processo de entrada nas instituições hospitalares (LESSA; ARAÚJO, 2013).

A Enfermagem, durante muitos anos de sua existência ficou presa a esse estereótipo de subordinação, assim como as mulheres também ficaram presas à subordinação ao lar e ao marido durante séculos de sociedade. Ainda hoje, podemos perceber as marcas dessa subordinação em diversas situações do dia a dia onde alguns profissionais de enfermagem ainda por cultura ou vício, se colocam como inferior ao profissional médico em sua rotina de trabalho. Ainda é perceptível na Enfermagem, sua dificuldade em lutar pelo espaço que lhe é de direito, e ainda se percebe que para se firmar como profissão, a Enfermagem precisou passar por uma série de estigmas sociais e de preconceitos, para ser reconhecida como profissão autônoma, e não como uma profissão dependente da medicina.

As primeiras investidas femininas às teorias éticas continham ideias desenvolvidas sob uma ótica dominante, embora clamaram em suas prerrogativas por uma diferença feminina que conferisse valor a seu pensamento moral. Essa lógica dominante estava presente nos escritos de muitos teóricos morais, tais como Kant, Rousseau, Hegel e Rawls. Esses autores consideravam a subordinação uma condição natural da mulher, ideia essa reforçada pela aceitação aparentemente passiva dessa situação por parte das próprias mulheres. Nesse sentido, a tradição filosófica apontava para a existência de uma diferença entre homem e mulher que a colocava em condição moralmente inferior (SAMPAIO, 2002).

A enfermagem por seu campo rico em intelecto e ciência, se articula diretamente com o social e precisa do devido reconhecimento e espaço dentro da saúde e do seu campo de trabalho. Sendo uma das profissões indispensáveis em qualquer serviço de saúde. É importante o debate e a problematização de questões que levam a serem cultuadas ainda nos dias atuais, práticas que ferem e desvalorizam a mulher dentro do mercado de trabalho, principalmente quando falamos sobre profissões que lidam com saúde e diretamente com a vida.

Ainda na perspectiva dos diversos autores consultados, podemos perceber uma articulação da trajetória histórica da Enfermagem com os padrões impostos na sociedade de machismo e sexismo. Padrões que tendem a ser reproduzidos e perpetuados na sociedade geração a geração, o que faz com que sejam padrões fortes e resistentes na nossa cultura.

A enfermagem sofreu por muitos anos as marcas de ser uma profissão que por um período de tempo foi exclusivamente feminina, assim como outros campos de trabalho. Esse padrão necessita cada vez mais de estudos e aprofundamentos, para que se possa quebrar os paradigmas da cultura machista e patriarcal presente dentro da Enfermagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do gênero vem se expandindo em diversas áreas do conhecimento, por se tratar de um campo temático bastante amplo, que integra praticamente todo o campo social do conhecimento, se torna impossível nos distanciarmos ou não darmos a devida importância a temática no campo da enfermagem, por se tratar de uma profissão que nasce de um papel que é colocado como feminino, que seria o papel do cuidador.

Ainda hoje, nos deparamos com situações que são desvalorizantes para a enfermagem e que são conveniadas ao seu surgimento e aos estereótipos associados ao gênero. Ter nascido como uma profissão de essência feminina e praticada como caridade no seu surgimento, sendo seu público formado ainda hoje na sua grande maioria por mulheres que se dispunha a cuidar das pessoas, fez com que a enfermagem nasça num berço de desvalorizações e que seja vista durante muito tempo como uma profissão marginalizada, se colocando em subserviência, à principio da igreja, e em seguida dos médicos (categoria formada majoritariamente por homens). Esse dogma da mulher cuidadora nata, fez com que na história da enfermagem, a profissão passasse por momentos de subordinação e desvalorização extrema, devido à violência simbólica exercida pela sociedade em tudo que se torna feminino. Essa violência é nítida e expressa quando comparamos a enfermagem à medicina, que tem seu berço em características que são tidas como masculinas, e que tem seu maior número de profissionais atuantes também do gênero masculino. Essa desvalorização da enfermagem se caracteriza nos tempos atuais por: maiores jornadas de trabalho, salários menores, condições de trabalho desgastantes e maiores índices de violências no espaço de trabalho. Esses indicadores nos mostram e nos fazem debater acerca da violência simbólica e de gênero que durante o crescimento da profissão, sempre esteve presente em sua trajetória de maneira avassaladora contra as profissionais que se arriscaram a percorrer o caminho da enfermagem e que foram tão importantes para que a profissão pudesse se estabelecer.

De acordo com os dados teóricos obtidos no estudo, podemos observar que a enfermagem ainda no contexto atual, se submete a situações de desvalorização e subordinação dentro da área da saúde, em comparação às outras práticas que têm sua repercussão como profissão masculina.

Foi percebido que desde o surgimento da enfermagem, a mulher é vista como a figuração principal dentro da profissão, e isso trouxe uma série de estereótipos, desvalorização e preconceito de gênero para dentro da profissão. Fazendo da enfermagem um campo dentro

da área das ciências da saúde, que tem os maiores salários, que ainda não tem piso salarial vigente e que luta contra uma série de estigmas e dogmas presentes dentro do cenário da profissão que ainda maltratam a figura do profissional de enfermagem e trás uma série de prejuízos para o cenário cotidiano da enfermagem.

Com esse estudo se pode perceber como a desvalorização da enfermagem se dá pelo fato de que a profissão nasce de uma vertente feminina, e com isso carrega o fato do patriarcado influenciar e estar presente nas relações de gênero cotidianas da profissão ainda nos dias de hoje. Colocando a enfermagem em posição de subordinação e desprivilegio em comparação com outras profissões como a medicina que nasce de um contexto masculino.

É de extrema relevância que trabalhos como o intuito de mostrar e explicar a desigualdade de gênero e suas raízes no patriarcado sejam produzidos e devidamente valorizados, para que possamos identificar situações em que o gênero e a sexualidade estão sendo colocados como fatores para práticas de violências e desvalorizações de categorias profissionais que são de extrema importância para toda a sociedade. Na enfermagem, essa relevância se torna ainda mais importante, por ser uma classe que passa por diversas problemáticas em relação a sua inferiorização por meio do senso comum em relação a medicina. Trabalhando mais horas, recebendo um salário bem inferior e sofrendo também uma série de violências simbólicas no meio de trabalho, que nos faz parar para refletir o quanto a profissão é importante e o quanto ela é subestimada e inferiorizada.

REFERÊNCIAS

PEREIRA, Paulo Fábio. **Homens na enfermagem: atravessamentos de gênero na escolha, formação e exercício profissional**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem. Programa de Pós Graduação em Enfermagem, 2008.

PEREIRA, Wilza Rocha, SILVA, Graciete Borges da. **A mulher, o trabalho e a enfermagem profissional – algumas reconsiderações sobre a ótica do gênero**. Texto Contexto Enferm. Florianópolis, v.6, n.1, p 18-31, jan/abr 1997.

COELHO, Edméia. **Gênero, saúde e enfermagem**. Revista Brasileira de Enfermagem, Palmas-TO, Conferência de abertura da 65ª Semana Brasileira de Enfermagem e 6ª Semana Tocantinense de Enfermagem, p 345-8. maio-jun 2005.

DUARTE, Maiara, et al. **Gênero e violência contra a mulher na literatura de enfermagem: uma revisão**. Revista Brasileira de Enfermagem. 2015 mar-abr, 68(2) 325-32.

PEREIRA, Wilza Rocha, SILVA, Graciete Borges da. **A mulher, o trabalho a enfermagem profissional – algumas reconsiderações sobre a ótica do gênero**. Texto Contexto Enferm. Florianópolis, v.6, n.1, p 18-31, jan/abr 1997.

Paixão, W. (1979). **História da Enfermagem**. 5ª Edição. Rio de Janeiro, Julio C. Reis Livraria.

PADILHA, M. I. C. S., Mancia, J. R. (2005). **Florence Nightingale e as irmãs de caridade: revisitando a história**. Revista Brasileira de Enfermagem, 58(6), 723-726. Doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672005000600018> Acesso em: 02 fev.2021

JESUS, Elaine dos Santos. **PRECONCEITO NA ENFERMAGEM PERCEBIDO POR ENFERMEIROS: UMA ABORDAGEM QUANTITATIVA**. Rev. Min. Enferm.;12(4): 477-482, out./dez., 2008.

CUNHA, Yasmine; SOUZA, Romário; **GÊNERO E ENFERMAGEM: UM ENSAIO SOBRE A INSERÇÃO DO HOMEM NO EXERCÍCIO DA ENFERMAGEM**. Revista

De Administração Hospitalar e inovação em Saúde RAHIS. DOI:
<http://dx.doi.org/10.21450/rahis.v13i3.4264>.p 140-149. agosto, 2017.

SAMPAIO, Maures Alexandra. **ENFERMAGEM, MÍDIA E BIOÉTICA**. Orientador: Prof.a Dr.a Dirce Guilhem de Matos. 2002. 104 páginas. Dissertação (Mestrado) - Enfermagem, Departamento de Enfermagem,UnB, Brasília, 2002.

JUNIOR, Agnaldo Paulino. **GÊNERO E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: UM ESTUDO INTRODUTÓRIO SOBRE O SER DA MULHER E OS PAPÉIS CONSTRUÍDOS EM SOCIEDADE**. Sapere aude – Belo Horizonte, v. 9 – n. 17, p. 309-318, Jan./Jun. 2018.

GODINHO, Maria Inês Almeida. VIOLÊNCIA SIMBÓLICA CONTRA MULHERES NA UNIVERSIDADE. **Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília**, v.6, n.1, p. 9-20, Jan./Jun., 2020.

SILVA, Alcirole; CORRÊA, Patrícia. **CATEGORIA DE GÊNERO NA ENFERMAGEM**. R. Bras. Enfenn .. Brasília, v. 52, n. 1, p. 22-36, jan.lmar. 1999.

DUARTE, Maria Cardoso; et al. **Gênero e violência contra a mulher na literaturade enfermagem: uma revisão**. Rev Bras Enferm. 2015;68(2):325-32. DOI:
<http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2015680220j>.

MAGALHÃES, Monique. **Estereótipos de gênero na enfermagem brasileira: memórias e perspectivas**. Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes MarçalRibeiro. 83 páginas. Dissertação (mestrado). Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, 2021.

CUNHA, Yasmine. SOUSA, Romário. **GÊNERO E ENFERMAGEM: UM ENSAIO SOBRE A INSERÇÃO DO HOMEM NO EXERCÍCIO DA ENFERMAGEM**. Rev de administração hospitalar e inovação em Saúde.

JESUS, Elaine dos Santos. **PRECONCEITO NA ENFERMAGEM PERCEBIDO POR ENFERMEIROS: UMA ABORDAGEM QUANTITATIVA**. Rev. Min. Enferm.;12(4): 477-482, out./dez., 2008.

CUNHA, Yasmine; SOUSA, Romário. **GÊNERO E ENFERMAGEM: UM ENSAIO SOBRE A INSERÇÃO DO HOMEM NO EXERCÍCIO DA ENFERMAGEM.**

LESSA, Andréa; ARAÚJO, Cristina. **A enfermagem brasileira: reflexão sobre sua atuação política.** Revista Mineira de Enfermagem, 17.2, fev, 2013. DOI: <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20130036>.

DIAS, Ana Cleide; FERREIRA, silvia; SILVA, ueigla. **O PENSAMENTO FEMINISTA NA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UFBA.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

ALMEIDA, Jane Soares de. **As relações de poder nas desigualdades de gênero na educação e na sociedade.** Campo Grande - MS, n. 31, p. 165-181, jan./jun. 2011.

COLLIÈRE, Marie-Françoise. **Promover a vida: Da prática das mulheres de virtude aos cuidados de enfermagem.** LIDEL 5ª edição, Lisboa-Porto-Coimbra.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência.** 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

GEOVANINI, F.; MOREIRA, A.; DORNELLES, S. & MACHADO, W.P.A. **História da Enfermagem: Versões e Interpretações.** Rio de Janeiro: Revinter, 1995. 205p. BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. Tradução: Fernando Tomaz.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. Paixão, W. **História da Enfermagem.** 5ª Edição. Rio de Janeiro, Julio C. Reis Livraria, 1979.

GRANJA, Edna; MEDRADO, Benedito. **HOMENS, VIOLÊNCIA DE GÊNERO E ATENÇÃO INTEGRAL EM SAÚDE.** Psicologia & Sociedade; 21 (1): 25-34, 2009.

LIMA, Daniel; BUCHELE, Fátima. **Revisão crítica sobre o atendimento a homens autores de violência doméstica e familiar contra as mulheres.** Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 21[2]: 721-743, 2011.
<https://doi.org/10.1590/S0103-73312011000200020>.

SCOTT, Joan. **O enigma da igualdade. Estudos Feministas.** Florianópolis, v. 13, n.1, p. 11-30, jan./abr. 2005.

SANTOS, Sandra. **A mulher na Magna Grécia: um “objeto” de valor.** Revista Clássica, v. 29, n. 1, p. 29-48, 2016.

Meneghetti, F. K.. **O que é um ensaio-teórico?** Revista De Administração Contemporânea, 15(2), p 320 332.2011 <https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200010>.

PEREIRA, Paulo Fábio. **Homens na enfermagem: atravessamentos de gênero na escolha, formação e exercício profissional.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem. Programa de PósGraduação em Enfermagem, 2008.

JESUS, Elaine dos Santos, et al. **Preconceito na enfermagem: percepção de enfermeiros formados em diferentes décadas.** Rev. esc. enferm. USP 44 (1); Mar 2010. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342010000100024>.

FENAM, Federação Nacional dos Médicos. **Piso FENAM 2022.** Jan 2022. Disponível em: <http://www.fenam.org.br/2022/01/27/piso-fenam-2022/#:~:text=Aplicada%20a%20taxa%20do%20INPC,jornada%20de%2020%20horas%20semanais.&text=Os%20valores%20passam%20a%20vigorar%20a%20partir%20de%20janeiro%20de%202022>. Acesso em 3 de março de 2022.

OLIVEIRA, Bruno; SILVIA, Alécia; LIMA, Sara. **CARGA SEMANAL DE TRABALHO PARA ENFERMEIROS NO BRASIL: DESAFIOS AO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO.** Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 16 n. 3, p. 1.221-1.236, set./dez. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sol00159>.

CARVALHO, et al. **Cargas de trabalho e os desgastes à saúde dos trabalhadores da enfermagem.** Rev Bras Enferm. 2019;72(6):1510-6. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-20170659>.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **Pesquisa inédita traça perfil da enfermagem.** Maio de 2015. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem_31258.html/print/. Acesso em 17 de Março de 2022.

Salário. **Tabela de Cargos e Salários da Área da Saúde – Pesquisa Salarial.** Disponível em: <https://www.salario.com.br/tabela-salarial/cargos-e-salarios-area-da-saude/>. Acesso em 20 de março de 2022.

PERÉS, Eugenio; DAVID, Helena. **TRABALHO DE ENFERMAGEM E PRECARIZAÇÃO.** Enferm. Foco 2018. 9 (4). 71-76. Acesso em 20 de março de 2022.

ALMEIDA, Deybson; et al. **Estereótipos sexistas na enfermagem portuguesa: Um estudo histórico no período de 1935 a 1974.** Esc Anna Nery 2016;20(2):228-235. DOI: 10.5935/1414-8145.20160030.

SILVA, Gilda.

CAPITAL CULTURAL, CLASSE E GÊNERO EM BOURDIEU. Tese. INFORMARE - Cad Prog Pós-Grado CioInf., v.1, n.2, p.24-36, jul./dez. 1995.

COREN-PE. **Coren-PE apresenta NOTA DE REPÚDIO ao edital do Processo Seletivo Simplificado de Sirinhaém.** Ferv 2017. Disponível em: http://www.coren-pe.gov.br/novo/coren-pe-apresenta-nota-de-repudio-ao-edital-do-processo-seletivo-simplificado-de-sirinhaem_8997.html. Acesso em 20 de Março de 2022.

THIRY-CHERQUES, Hermano. **Pierre Bourdieu: A teoria na prática.** Rev. Adm.Pública 40 (1) • Fev 2006 • <https://doi.org/10.1590/S0034-76122006000100003>.

BARROS, Maria. **TRABALHADORES DE ENFERMAGEM GANHAM SALÁRIOS A PARTIR DE R\$ 774 EM PERNAMBUCO.** Brasil de fato. Março 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/15/trabalhadores-da-enfermagem-ganham-salarios-a-partir-de-r-774-em-pernambuco>. Acesso em 17 de Março de 2022.

ESTEVÃO, Lourdes. **A ENFERMAGEM NA LUTA PELA REDUÇÃO DA JORNADA**

DE TRABALHO E PELO PISO SALARIAL NACIONAL. Sindesp. Junho 2021.

Disponível em: <https://sindsep-sp.org.br/noticias/saude/a-enfermagem-na-luta-pela-reducao-da-jornada-de-trabalho-e-pelo-piso-salarial-nacional-6047>. Acesso em: 17 de Março de 2022.

ABREU, Mayara. **PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM CONTINUAM**

ESPERANDO POR UM PISO SALARIAL. Eu Estudante. Correio Braziliense. Disponível

em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/trabalho-e-formacao/2021/08/4945456-profissionais-de-enfermagem-continuam-esperando-por-um-piso-salarial.html>. Acesso em 17 de Março de 2022.